

Coletivo Prisma (abaixo) promove debates dentro da universidade

UFABC INVESTE NA INCLUSÃO

A universidade é a primeira do Sudeste a implantar cotas para transexuais



Gabriela Santos

O BRASIL é o país que mais mata transexuais no mundo. De 2008 a 2016, foram 868 assassinatos registrados, contra 259 no México, segundo país com mais mortos. Os dados são de um estudo feito pela ONG Transgender Europe (TGEU), coletados de um relatório publicado em novembro de 2016. Números como estes alarmam para a necessidade de se discutirem pautas que atendam a população trans, inserida em um contexto de alta vulnerabilidade social. A Universidade Federal do ABC (UFABC) está caminhando em direção a integração das minorias, e aprovou, em outubro deste ano, cotas para a população transexual. É a terceira instituição do Brasil a contemplar esta ação, depois da Universidade Federal do Sul da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia.

A partir de 2019, 1,5% das vagas disponíveis pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu) para os cursos de Bacharelado de Ciência e Tecnologia e de Ciências e Humanidades serão destinadas a pessoas que se identificam com gêneros diferentes dos quais nasceram. Esta porcentagem representa um total de 32 vagas para toda a universidade. O número parece pouco expressivo, mas representa um avanço

para integrar estes grupos, se analisado junto ao dado da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que aponta que 82% dos transgêneros e travestis evadem da escola durante o ensino médio. “Não é evasão escolar, é expulsão escolar”,

quizar este direito. Leona Wolf é pós-graduanda no curso de Direitos Humanos, Diversidade e Violência da instituição, e representante do coletivo. Ela reitera a importância da inclusão das minorias no ambiente escolar para lutar contra os preconceitos sofridos. “Se

uma pró-reitoria de assuntos comunitários e políticas afirmativas (ProAP), que participou ativamente na aprovação das cotas. “Esse é apenas mais um passo. O quadro atual não é dos mais satisfatórios, mas acreditamos que, dando visibilidade para esta política, ela talvez

institucionalizados, influenciam para que esta minoria não chegue às universidades, e estar em um grupo no qual estas questões são debatidas alimenta o desejo de mudança. “Quando a nossa voz se torna coletiva, ela ganha muito mais força do que o processo individual. Essas ações afirmativas contri—buem para a questão da autoestima e do empoderamento da pessoa”, explica o psicólogo Job dos Reis, voluntário do Ambulatório de Transtorno de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS), vinculado ao Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP.

A estudante Virgínia Guitzel, 25, se interessou pela universidade ao conhecer o Coletivo Prisma. Sentiu-se acolhida e mais forte para lutar, mesmo com todos os problemas enfrentados, e passou a frequentar aulas como aluna especial na UFABC. Virgínia é uma das milhares de pessoas transexuais que buscam o seu lugar dentro do ambiente acadêmico. “Qual espaço as pessoas trans podem ocupar na universidade e na sociedade? Muitas vezes deslegitimam as nossas vozes e nos tratam como se não tivéssemos conhecimento e argumentos capazes de vencer uma discussão. É um embate, e a vitória das cotas trans não é um ponto final”. ▶



À esquerda, a deputada Robeyoncé Lima; à direita, Leona Wolf, do Coletivo Prisma

disse a deputada Estadual Robeyoncé Lima (Psol), em um debate realizado em novembro na Federal do ABC.

Com base nestes dados, o Coletivo Prisma – Dandara do Santos, da UFABC, estudou e propôs a discussão dentro do ambiente acadêmico e permaneceu, durante dois anos, na luta para con-

a universidade em si não resolve o problema, ela cria um espaço de socialização, de normalização, que acaba sendo importante porque incorpora pessoas trans, que são exclusas e reclusas a determinados lugares, horários e profissões”, aponta.

Do ponto de vista da academia, a UFABC conta com

seja levada a outras universidades, já que as questões que atingem as populações trans são de extrema gravidade”, relata o pró-reitor Acácio Almeida Santos, preocupado com um cenário de possíveis supressões de direitos.

Questões de violência e preconceito, inclusive os